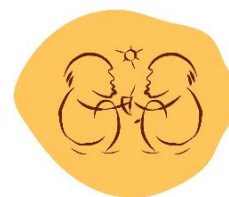
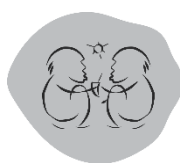


Lelo¹



José Francisco Ferrari (Zito)²



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

www.icgilbertoluizalves.com.br/

¹ Publicado em PELLEGRINI, Fabio; REINO, Daniel (Orgs.). **Vozes das artes plásticas**. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2013, p. 228-233.

² Graduado em Educação Artística, Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Campus São Paulo.



Lelo
Álvares Florence, SP, 1949
- Campo Grande, MS
Fotografia de Daniel Reino

Eneida Maria de Souza, professora emérita, titular da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), autora de vários livros, dentre eles, “Tempo de Pós-Crítica”, nos mostra a importância e a necessidade da escrita do eu. Quero, aqui, tendo por base o que discute a professora/escritora, descrever acontecimentos e passagens que, de algum modo, ficaram guardados, arquivados em minha memória. Visando a biografar, ou seja, escrever sobre vidas, mostrando fatos, lugares históricos, talvez um traço biocultural. Tento registrar a trajetória do artista, que muitas vezes se confunde com a minha. Um personagem atravessado com o meu “eu”. Dessa forma, refazer o trajeto pictórico-cultural do sujeito envolvido na narrativa de um artista forjado pelo tempo ajuda a entender a esteira na qual trilhei e que me trouxe de alguma forma até onde hoje estou. O local de meu enunciado também marca o lugar a partir de onde falo e penso. Um locus que já considero meu, por me sentir inserido, fazendo parte deste Estado denominado Mato Grosso do Sul.

Amigos de infância, partilhando uma nova vida em outro lugar, dividimos histórias, vivências e memórias que, ao desarquivá-las, sou convocado a falar de nós. Élios Longo de Oliveira ou, simplesmente, Lelo. Quando pergunto a ele: O que é, e como é a Arte do Lelo? Sem titubear ele responde com firmeza: “Para mim, a arte não pode ser algo passageiro. A minha produção é constante, - e, como artista, eu conquisto sempre grandes espaços, superando divisas e participando do cotidiano de várias pessoas”.

E conclui: **“Vivo num mundo de sonhos e levo pessoas a viver a mesma experiência”.**



Lelo, a.c.i.d.

Como era bom o time do Nirço

40 x 60 cm.

Acrílica sobre tela

2000

Lelo é isso! Homem simples, do povo, nasceu no dia 12 de julho de 1949, em Igapira (nome indígena, que significa “nascente do rio”), interior de São Paulo. Um ano antes do seu nascimento, em homenagem ao presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, o município passou a se chamar Álvares Florence. Localizado na região noroeste do Estado, a quinhentos e trinta e oito quilômetros da capital paulista. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Censo 2010, o município consta com uma população de 3.897 habitantes, incluindo as regiões urbana e rural.

A plasticidade presente em sua obra, o retrato do povo simples do interior, além de paisagens, são memórias, histórias vividas, desarmadas em forma de inúmeros quadros, que o artista nos presenteia ao produzir sua arte.

Lelo é o terceiro filho de Dona Rosa Longo e do Seu Sebastião de Oliveira. Dona Rosa foi uma grande mulher. Por trabalhar na área da educação, sempre incentivou os filhos aos estudos e se dispunha a conversar horas e horas sobre diversos assuntos que interessavam a nós, jovens naquela época. A casa do Lelo era nosso local de encontros. Uma casa enorme. Uma sala repleta de quadros nas paredes e estantes com vários livros. Uma cozinha aconchegante, que acolhia a todos nos finais de tarde. As conversas se estendiam pela noite adentro. Éramos uma turma interessada em música, artes plásticas, literatura, teatro, dança e astronomia. Nas madrugadas ficávamos observando o espaço cósmico, os corpos celestes, as estrelas, os planetas, os possíveis cometas, enfim, o movimento de objetos celestes, a formação e o desenvolvimento do universo, sob a orientação do Lelo. Para nós foi um período de grande interesse pela leitura.

No curso primário Lelo foi presenteado, por sua professora Ana Niger, com uma

caixa de lápis de cor de trinta e seis unidades, ou seja, eram lápis e mais lápis para poder desenhar e pintar à vontade. Quase ninguém tinha caixa com trinta e seis lápis, o normal naquela época eram caixas de seis ou doze, por esse motivo ele ficava o dia todo desenhando e pintando. À noite, escondia os lápis embaixo do travesseiro para que ninguém pudesse pegá-los. O gosto, a paixão pela pintura teve início na infância, exercitando-se com lápis de cor e com a tinta a guache, ele foi desenvolvendo e aperfeiçoando uma técnica e um estilo próprio.

Na década de 1960, aos treze anos, pintou seu primeiro quadro a óleo, utilizando tintas que ele próprio fabricava. Comprava alvaiade (também conhecido como óxido de zinco) e misturava com óleo de linhaça, batia para obter o branco e depois acrescentava os pigmentos, para obter as cores primárias. Na época não havia PVA (látex) para aplicar de base nas telas, que, por sua vez, também eram produzidas artesanalmente por ele. Para fabricar as telas, ele fazia o chassi de sarrafo de madeira, esticava o tecido (utilizava algodão cru), goma laca (resina secretada pelo inseto *Kerria lacca*, encontrado nas florestas da Índia e Tailândia), gesso e alvaiade.

Em 1963, pintou suas primeiras obras: “Violeiros”, “Folia de Reis” e “Casamento Caipira”, todas retratando a cultura do povo, a vida simples de pessoas comuns, que faziam parte de seu cotidiano em Votuporanga, Estado de São Paulo.

No ano de 1966, Lelo participou da sua primeira exposição, “Coletiva de Artistas Regionais”, na Casa da Cultura de São José do Rio Preto, SP. Em 1969, participou do “Salão Itinerante Estímulo”, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, expondo na capital paulista e percorrendo algumas cidades do interior, como: São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Campinas, Sorocaba e Santo André, obtendo o segundo lugar como premiação.

No início da década de 1970, além de concluir o curso de Matemática e Biologia, na Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga, SP, Lelo inicia por conta própria um minucioso estudo sobre História da Arte, fazendo releituras de artistas famosos, por meio de revistas especializadas na área, como “Gênios da Pintura” e outras. Passou a frequentar e visitar museus e pinacotecas, participando de palestras, conferências, mostras, festivais e encontros culturais pela capital e interior paulista. Nesse período, resultado dos estudos dos pintores renascentistas e pré-renascentistas como Giotto (1266-1337), que introduziu a perspectiva nas obras de arte, e Pieter Bruegel (1525-1569), que se misturava ao povo (festas, casamentos, celebrações) vestido de camponês para poder se inspirar nas suas criações e composições artísticas e que retratava paisagens e cenas do campo, Lelo então passa a imprimir seu estilo, ou seja, suas telas

apresentam o cotidiano da vida rural, identificando-se com o impressionismo italiano e espanhol, com “cores” vivas e a utilização da “luz”.

Lelo é um estudioso silencioso, um autodidata, e sabe muito bem o que faz. Está presente na sua obra a anatomia dos quadros de Miquelangelo (1475-1564); as expressões de pessoas não nobres, como comerciantes, prostitutas, marinheiros de Caravaggio (1571-1610); a perspectiva e a relação entre as figuras de Rafhael Sanzio (1483-1520), como também o saber e a técnica dos impressionistas e pós-impressionistas franceses: Vincent Van Gogh (1853-1890), Oscar-Claude Monet (1840-1926), Paul Cézanne (1839-1906). Lelo visitou e se interessou pelas tendências modernas. Tem vários trabalhos sob a influência de Kandinsk (1866-1944), Pablo Picasso (1881-1973), Mondrian (1872-1973). Em São Paulo, conheceu Alfredo Volpi (1896-1988), que já havia pesquisado e estudado, com Manabu Mabe (1924-1997), que eram impressionistas antes de se tornarem modernistas. Conheceu também Di Cavalcante (1897-1976), pintando um painel e ficou surpreso ao perceber que o artista utilizava uma marca de tinta das mais comuns do mercado.

Para poder aprofundar ainda mais nos artistas que vinha estudando, Lelo embarcou para a Europa para conhecer *in loco* o lugar onde nasceram e viveram esses pintores, argumentando que: “O artista não pode parar de pesquisar e estudar, ele precisa, antes de tudo, conhecer a arte e sua história”, relata Lelo.

Depois de excursionar pelo modernismo onde não se identificou, retornou ao figurativismo, mostrando o cotidiano, ou seja, a vida simples das pessoas. Pessoas que fazem ou fizeram histórias no anonimato. Lelo é um homem do povo. Sua arte representa o ser humano como “um ser universal”, que mesmo com as características regionais não deixa de ser diferente de outras pessoas de outras partes do mundo. Pessoas lutando pela vida, vivendo suas próprias fantasias. Lelo se considera: “um senhor do seu ofício”, observando a natureza e com a sensibilidade de retratá-la.

Ainda na década de 1970, Lelo, para sobreviver, começa a lecionar matemática e biologia em escolas públicas na capital paulista e nas horas vagas ministrava aulas particulares de História da Arte, Pintura e Inglês, língua que domina com fluência.

No ano de 1979, viemos para Campo Grande, e Lelo é contratado pela Missão Salesiana de Mato Grosso para ministrar aulas de matemática, física, biologia e educação artística nas turmas de primeiro e segundo graus do Colégio Dom Bosco; ficou oito anos sem participar de exposições, porém é o período que mais produz, não só pinturas, como também desenhos em bicos de pena e aquarelas, ilustrando livros didáticos e materiais

gráficos para divulgação das propostas Salesianas, tais como: fôlderes, folhetos, jornais, panfletos, painéis e manuais.

Um dos livros mais expressivos ilustrado pelo artista, e editado em 2006, pela Missão Salesiana de Mato Grosso, tem o título: “Bororo e Xavante, Índios de Mato Grosso-Brasil”, na arte de Élios Longo de Oliveira, em homenagem ao centenário da Missão Salesiana em Sangradouro. Outro momento de grande relevância do artista foi sua ativa participação na visita do Papa João Paulo II ao Brasil: foi o responsável pela criação e execução de todo o material visual da missa realizada ao ar livre pelo Pontífice. Painel com mais de cem metros quadrados como cenário de fundo, as “túnicas” utilizadas para coreografia do “ofertório”, todas ilustradas com motivos pantaneiros, além de telas que foram doadas para o acervo do Vaticano, na Itália.



Lelo, a.c.i.d.

Ninhal

60 x 100 cm.

Acrílico sobre tela

s. d. (Déc. de 1990)

Em meados da década de 1980, Lelo conheceu o Professor Gilberto Luiz Alves, que estava se transferindo de Corumbá para Campo Grande pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Desse encontro surgiu uma amizade e uma grande admiração pela obra do Lelo, sendo o professor Gilberto o primeiro a adquirir uma de suas telas (“Locomotiva/Maria Fumaça”). É fato que no acervo do professor Gilberto encontram-se catalogadas mais de trinta telas do Lelo, como ninhais, comitivas, peões e boiadas, florais, natureza morta, paisagens pantaneiras e outras mais, compondo um dos maiores acervos particulares das artes plásticas sul-mato-grossenses.

No final da década de 1980, já residindo em Campo Grande, Lelo volta a participar de exposições individuais e coletivas por todo o Estado do Mato Grosso do Sul, no Brasil e exterior. Tem registrado mais de duzentas participações em exposições, mostras, festivais, simpósios, encontros, semanas e salões, promovidos por instituições públicas e iniciativa privada.



Lelo, a.c.i.d.

Boiada

26 x 33 cm.

Acrílica sobre tela
s. d. (Déc. de 1990)



Lelo, a.c.i.d.

Pensão Pimentel

30 x 40 cm.

Acrílica sobre tela
(Déc. de 1990)

Sua produção é de mais de três mil obras espalhadas pelo mundo, pertencentes a vários colecionadores e repartições públicas, como no acervo do Vaticano, na Itália, Museu Internacional de Becchi, Piemonte-Norte da Itália, Universidade de Turin-Itália, Universidade de Évora-Portugal, Universidade de Aveiros-Portugal, Universidade do Chipre (ilha situada no Mar Mediterrâneo oriental ao sul da Turquia), Instituto Brasil/Alemanha, Fundação de Cultura de Onoda-Japão, Universidade Ultramarine-Japão, Universidade Mar del Plata-Argentina, Tribunais de Justiça da Espanha, do

Uruguai, da Argentina e do Chile, Governadoria de Okinawa-Japão, Governadoria de Utáh-USA, Missão Salesiana de Mato Grosso-Campo Grande-MS, Corumbá-MS e Cuiabá-MT, Universidade Católica Dom Bosco, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso do Sul, Museu do MARCO de Campo Grande-MS.

Lelo, com toda certeza é um dos artistas plásticos que mais divulgou e divulga seu lócus. Por meio da linguagem plástica traz o “homem, a fauna e a flora pantaneira” para dentro de nossos lares em forma de quadros, e ao mesmo tempo leva-os para outros lugares, outros continentes, presenteando-os com suas cores vivas, recortadas com seus precisos pincéis mágicos.

Referências sobre o Artista

SOUZA, Eneida Maria. **Tempo de pós-crítica**. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007. (Coleção obras em dobras)

Referências

Folhetos e pôlderes diversos de exposições gentilmente cedidos pelo artista.



www.icgilbertoluizalves.com.br/